



www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Em 2010, Coutinho contou ao **Correio** por que foi o melhor parceiro de ataque do Rei e admitiu uma crise de relacionamento entre os dois. A dupla “Cosme” e “Damião” do futebol aprendeu a dividir espaço na área compartilhando quarto em pensão

Memórias póstumas de um par perfeito

MARCOS PAULO LIMA

Antônio Wilson Honório estava na posição errada no dia certo. Em 1955, Coutinho foi escalado como zagueiro do Palmeirinhas de Piracicaba na preliminar contra o XV, adversário do Santos na partida principal pelo Campeonato Paulista. O menino de 12 anos fez o gol da vitória em meio aos gigantes. Foi a senha para a sua contratação imediata pelo então técnico do alvinegro praiano, Luís Alonso Péres, o Lula.

“Cotinho”, apelido de família, ganhou no Santos a letra “u”. Virou Coutinho. Cresceu, madureceu, comeu a bola e ganhou vaga no banco do Santos. De lá, aprendeu a enxergar o jogo e evoluiu muito invejando uma dupla que ele mesmo se encarregaria de destruir. “O Pelé jogava com o Pagão, de quem eu fui um fã incondicional. Eu prestava atenção no jeito de jogar do Pagão, mas eu sentia que o Pelé ficava fixo na área e o Pagão saía muito para jogar”, lembrou Coutinho (1943-2019) numa entrevista Especial Pelé 70 Anos do **Correio** em 2010.

A partir dali, Coutinho passou a cavar o seu lugar no time. E não ao lado de qualquer um. A meta era atuar com um menino que se tornaria rei. “Quando eu entrava, o Pelé crescia porque ele vinha de trás, ganhava espaço para jogar. Por outro lado, eu tinha problema com a balança, então era mais fácil para mim jogar dentro da área, paradinho ali, e deixar o Pelé solto para se movimentar fora da área, como ele gostava. Então, o que aconteceu é que a minha entrada na equipe favoreceu o estilo dele. Sem falsa modéstia, éramos dois jogadores inteligentes: um completava o outro”, orgulhava-se.

Modéstia era palavra proibida no vocabulário do marrento Coutinho. Sincerão, o craque não deu meia volta ao exaltar o dueto com Pelé: “Tínhamos raciocínio rápido. Não foi uma dupla que funcionou em um ou dois jogos. Deu certo nos 16 anos em que jogamos juntos no Santos e nas oportunidades em que formamos o ataque da Seleção Brasileira. A gente se dedicava, treinava, não tinha pra ninguém”, gabava-se Coutinho. “O Santos costumava treinar de noite, até 21h. O Pelé fazia hora extra até 23h. Impressionante como era compenetrado.”

Gol de Placa

A maior lembrança de Coutinho ao lado de Pelé é o gol de placa marcado na Rua Javari. O cineasta Aníbal Massaini tentou reproduzir a obra-prima não documentada do Rei no filme *Pelé Eterno*. Mas segundo quem deu o último toque para o camisa 10 antes do início da sequência de chapéus, não conseguiu. “Não adianta tentar simular como foi. O que eu sempre digo é o seguinte: o gol só foi lindo ao vivo, real, da maneira como aconteceu”, sorriu Coutinho. O bom humor de Coutinho só se alterou ao falar de um possível estremecimento no relacionamento dele com Pelé. Ele assume que realmente houve um problema, só não quis revelar qual. “Inventaram coisas sobre nós, mas nos encontramos para desfazer o mal-entendido. Nos perdamos, é passado”, ponderou na entrevista ao **Correio**.

A época, Coutinho provou que a amizade estava intacta. “Quando a gente se encontra é uma alegria. Um dias desses fui à casa dele gravar um vídeo. Os sarros, os sorrisos, o carinho, tudo continua como antes.” A dupla está refeita. Lá no céu.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O Rei e Coutinho na Vila: “Esse é o cara que desequilibrava. Antes dele não vi ninguém, e depois, pior ainda”, definiu o “Pelé” do Pelé

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Coutinho e Pelé com trajes de gala para a viagem internacional do Peixe

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Coutinho e Pelé dividiam a área e quarto na Pensão da dona Georgina

Arquivo/RevistaTrip



Pelé, Coutinho e Dorval tomam refri na excursão do Santos à Europa

Quem foi ele

- » **Nome:** Antônio Wilson Honório
- » **Apelido:** Coutinho, gênio da pequena área
- » **Nascimento:** 11/6/1943
- » **Morte:** 11/3/2019
- » **Local:** Piracicaba (SP)
- » **Principais títulos:** Copa do Mundo (1962), Campeonato Paulista (1960, 61, 62, 64, 65 e 67), Taça Brasil (1961, 62, 63, 64 e 65), Torneio Rio-São Paulo (1959, 63, 64 e 66), Robertão (1968), Taça Libertadores (1962 e 63), Mundial Interclubes (1962 e 63)

Lembranças de...

Coutinho (1943-2019), em 2010, no aniversário de 70 anos de Pelé

A chegada ao Santos

Para mim, foi uma surpresa. O Santos foi jogar em Piracicaba, e o meu time, o Palmeirinhas, ia fazer a preliminar contra o XV de Piracicaba. Mas eu não tinha idade para jogar. Eu tinha 12 anos para 13. Eu fui junto com a rapaziada para poder entrar, porque eu também não tinha dinheiro para pagar ingresso. Entrei e coincidentemente faltou um jogador. Entrei para jogar de zagueiro. O amador do XV de Piracicaba não perdia preliminar de jeito nenhum. Eu era pequenininho, baixinho, mas acabei fazendo o gol de cabeça depois da cobrança de um escanteio. Nessa época a gente trocava de roupa no mesmo vestiário do time profissional que jogaria em seguida, naquele dia era o Santos. Nisso houve o convite e eu aceitei.

Profissional ao elenco

O Lula era o técnico na época e precisava de um jogador para o lugar do Alfreidinho, machucado. Ele conversou com o técnico da base e me escolheu. No primeiro treino fui escalado para jogar de ponta-direita, no lugar do Alfreidinho. Fiz dois gols. Nunca mais voltei a Piracicaba, a não ser a passeio. Estreei no Santos aos 14 anos na inauguração dos refletores do estádio da Portuguesa Santista.

A tabela inesquecível com o Rei

Contra o Grêmio, no Olímpico, de cabeça. É daqueles lances que eu (Coutinho) olhava para ele (Pelé) e sabíamos o que queríamos. Tabelamos de cabeça do meio de campo até praticamente dentro da área. Por coincidência, nem eu fiz o gol e nem ele. No último lance de cabeça que era para eu concluir, eu dei para trás para o Lima. Ele pegou de bate-pronto e fez o gol. A jogada surtiu efeito fora do comum devido ao surgimento do terceiro homem. A torcida do Grêmio aplaudiu de pé.